

# Orixás estão longe da Prainha

GIZELLA RODRIGUES

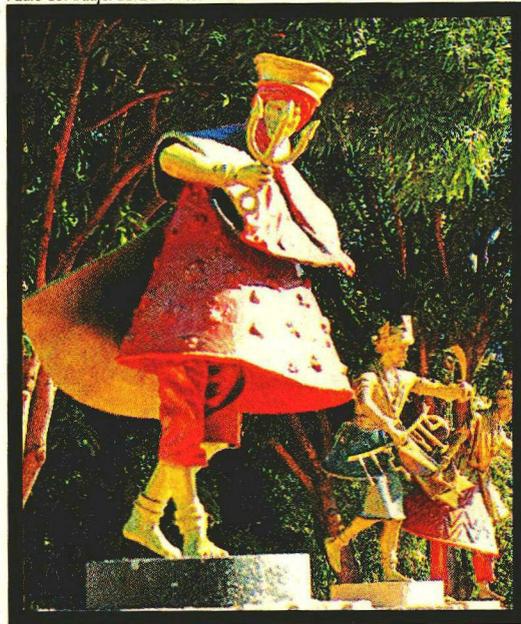
DA EQUIPE DO CORREIO

“A Praça dos Orixás se tornou referência para os praticantes dos ritos afro-brasileiros. Abriga 16 estátuas de divindades criadas por Tatti Moreno. Na passagem do ano, o local se transforma na verdadeira praia do cerrado, onde os adeptos pedem bênção e paz.”

As palavras acima estão escritas na placa de identificação da Praça dos Orixás, que fica na Prainha às margens do Lago Paranoá. Mas não condizem com a atual realidade do local. A menos de três meses do réveillon, a Prainha está abandonada e a festa corre o risco de não ter o mesmo brilho do que a de anos anteriores. As 16 estátuas dos orixás foram retiradas no começo de 2008 para serem restauradas, mas até hoje estão guardadas no galpão do artista que as criou, o baiano Tatti Moreno, porque ele não recebeu o dinheiro prometido há mais de um ano para devolver a beleza às esculturas, que foram depredadas por vândalos em 2005.

O cenário na Prainha é desolador. Além de estarem vazios, os pedestais reservados para as estátuas estão pichados. Dos 17 refletores instalados para iluminar os orixás, resta apenas um. O local está sujo e malcuidado. Na beira do lago, onde os fiéis jogam oferendas para Iemanjá na virada do ano, o mato toma conta da areia. Sem iluminação e segurança, a Prainha se tornou reduto de

Paulo de Araujo/CB/D.A Press - 26/12/07



Adauto Cruz/CB/D.A Press



EM 2007, IMAGENS GANHARAM UMA MAQUIAGEM. O ARTISTA TATTI MORENO, EM FRENTE AOS PEDESTAIS PICHADOS: “É UM DESRESPEITO”

marginais. “Não podemos fazer eventos lá à noite. Depois das 20h, o local serve de ponto de uso e tráfico de drogas e encontros sexuais”, contou a presidente da Federação Brasileira e do Entorno de Umbanda e Candomblé, Marinalva Venozina dos Santos Moreira.

As esculturas dos deuses da cultura afro-brasileira foram feitas em 2000. Elas têm 2,40m de altura e cada uma vale cerca de R\$ 100 mil. Em setembro de 2005, ocorreu o primeiro ataque: Nan, a senhora da morte, desapareceu da praça e foi encontrada quatro dias depois, com a cabeça e os braços arrancados. Três meses depois, a imagem de Iemanjá foi

carbonizada. Os ataques continuaram no ano seguinte e, ao todo, todas as esculturas foram danificadas — sendo que oito ficaram totalmente destruídas (leia Memória).

## Sem documento

Em junho do ano passado, Tatti Moreno recebeu o aval do Ministério da Cultura e da Fundação Palmares para restaurar as peças. Na época, o governo federal se comprometeu a elaborar um Termo de Compromisso e formalizar o convênio. Nenhum documento foi assinado até hoje, mesmo assim, o artista fez uma remodelação nas imagens, para salvar o réveillon de 2007. “Fiz uma maquiagem nas

esculturas. Desenvolvi peças de gesso para substituir aquelas que tinham sido destruídas, que eram de resina”, disse.

Logo após a festa, porém, ele retirou as imagens e as levou para seu ateliê, em Salvador (BA). A idéia era devolvê-las em quatro meses, completamente refeitas. Mas o dinheiro, R\$ 850 mil, nunca saiu e o artista não conseguiu levar o projeto adiante. “É um desrespeito. Estou devendo mais de R\$ 300 mil para bancos porque tive que pegar empréstimos para trazer meus funcionários para Brasília e levar as peças de volta para Salvador. Tudo que fiz até agora foi com meu dinheiro”, reclamou.

Moreno diz que, se não receber o valor combinado, não fará a restauração. Além disso, ele afirma precisar de, pelo menos, 70 dias para concluir o trabalho. “Não dá para fazer outra maquiagem”, justificou. Procurado pela reportagem, o presidente da Fundação Palmares, Zulu Araújo, garantiu que os recursos vão sair até dezembro. Segundo ele, o projeto está aprovado pelo Fundo Nacional de Cultura, mas o dinheiro ainda não foi liberado porque depende de orçamento do Ministério do Planejamento. “Há um empenho enorme para a restauração das imagens, até pelo que elas representam para a comunidade negra”, ressaltou Zulu.

## MEMÓRIA

### Depredação

24 de setembro de 2005

☛ Um visitante nota a ausência de Nan, a senhora da morte. Ela é encontrada quatro dias depois, com a cabeça e os braços arrancados.

13 de dezembro de 2005

☛ A imagem de Iemanjá é carbonizada e tem a cabeça arrancada e o leque e a espada tirados de suas mãos. Iemanjá é a deusa das águas.

15 de abril de 2006

☛ Oxóssi, o deus da caça e da fartura, protege a natureza, especialmente as florestas. É a terceira vítima do vandalismo da Prainha.

20 de abril de 2006

☛ A estátua de Xangô é derrubada junto com a de Oxalá. Xangô é considerado deus do trovão e da Justiça. Oxalá é responsável pela criação do mundo.

2 de agosto de 2006

☛ Os 11 orixás que restam na Prainha têm alguma avaria.